



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

MAIS DO QUE ENERGIA, UMA AVENTURA DO CORPO: AS COLÔNIAS DE FÉRIAS ESCOLARES¹

André Dalben

RESUMO

A presente pesquisa histórico-documental analisou os embates discursivos que possibilitaram a divulgação das colônias de férias escolares enquanto uma medida de saúde pública plausível de ser empregada em diferentes países no final do século XIX. Analisou também os conhecimentos e os processos culturais que possibilitaram que as colônias de férias empregassem um conjunto de práticas corporais bastante distinto dos exercícios ginásticos hegemônicos nas instituições escolares do período. Como resultado, pôde-se concluir que as práticas corporais ao ar livre enraizavam-se em uma cultura que valorizava a vida em contato com a natureza, não tendo por fundamento os mesmos princípios fisiológicos da ginástica escolar.

PALAVRAS-CHAVE: educação física - história; colônia de férias; recreação ao ar livre.

INTRODUÇÃO

A pesquisa a ser apresentada no XIX CONBRACE e VI CONICE constitui-se como o resultado de um amplo percurso acadêmico, iniciado ainda em 2007 durante o mestrado em educação física. Na ocasião, interessava-me identificar quais eram as práticas corporais ao ar livre ofertadas pelo governo do estado de São Paulo para a sua população durante as décadas de 1930 e 1940. A proposição da pesquisa adivinha do fato de existirem indícios de que os profissionais da educação física paulista deste período haviam consolidado um projeto centralizado em prática corporais que extrapolavam o ensino da ginástica, adotando como procedimentos os banhos de mar e de sol, os jogos e caminhadas ao ar livre, assim como viagens para as montanhas mais próximas, para o litoral e para algumas áreas rurais do interior paulista. Ao tomar como fontes os documentos produzidos pelo Departamento de Educação Física, órgão administrativo subordinado a Secretaria da Educação e da Saúde Pública do Estado de São Paulo, foram identificados três modelos de estabelecimentos que ofereciam estas práticas corporais: a Escola de Aplicação ao Ar Livre, criada dentro do Parque da Água Branca na capital paulista, os Parques Infantis, construídos em municípios interioranos do estado e as Colônias de Férias, organizadas nas cidades de Santos, Campos do

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro da FAPESP, processo nº 2009/53593-3.



Jordão e Pindamonhangaba. Além de oferecerem um conjunto de práticas corporais ao ar livre, outro ponto em comum identificado entre esses estabelecimentos era o fato de serem dirigidos às crianças inscritas no sistema estadual de ensino público (DALBEN, 2009).

A pesquisa permitiu problematizar algumas questões que se tornaram centrais na pesquisa de doutorado iniciada em 2010, a qual elegeu como principal objeto de pesquisa as colônias de férias escolares, haja visto que foram localizados poucos estudos especialmente dedicados a essas instituições infantis no Brasil e, de uma forma geral, na América do Sul². A investigação procurou, em um primeiro momento, aprofundar a análise das raízes históricas destas instituições, problematizando os conhecimentos construídos na longa duração histórica que possibilitaram a consolidação das colônias de férias escolares enquanto uma medida de assistência infantil que atrairia a atenção de governantes e filantropos de diferentes países, inclusive brasileiros. De modo geral, foi possível concluir que as colônias de férias foram responsáveis por trabalhar em seu interior um conjunto de práticas corporais que mantinham raízes históricas bastante distintas da ginástica presente nas instituições escolares, pois não se fundamentavam em conhecimentos estabelecidos pelas ciências experimentais (DALBEN, 2014; SOARES, 2005).

Entre a documentação levantada encontram-se os anais do IV Congresso Internacional de Higiene e Demografia, promovido em 1882 na cidade de Genebra, ocasião na qual as colônias de férias foram oficialmente apresentadas pela primeira vez a comunidade científica internacional; e os anais do I Congresso Internacional de Colônias de Férias, realizado em 188 em Zurique. A pesquisa partiu da proposição de que as atitudes e sensibilidades humanas em relação a natureza e seus elementos, como o sol, o ar livre, a água de rios, lagos e mares, as árvores e animais, a montanha e a praia, nem sempre foram as mesmas na longa duração histórica. Procurou, desse modo, seguir suas transformações, estudando as diversas apropriações feitas da natureza para a consolidação de práticas corporais ao ar livre que seriam institucionalizados pelas colônias de férias. Por meio de referencial teórico da História Cultural, mais especificamente da História das Sensibilidades³, analisou-se como a

² No Brasil foram localizados os artigos de Martinez (2009) e Berto, Ferreira Neto e Schneider (2009). Na Argentina pode-se levantar o artigo de Bianchi (2007) e capítulos de livro de Armus (2014, 2007). Não foram localizadas nenhuma dissertação, tese ou livro exclusivamente dedicados às colônias de férias.

³ A escrita de História das Sensibilidades fora proposta inicialmente por Lucien Febvre (1952), em seu conhecido texto *Combats pour l'histoire*, no qual colocava como necessário que se



organização de novas representações e novos sistemas de emoção, dos seres humanos frente à natureza, contribuíram para a sistematização de inúmeras práticas corporais ao ar livre que se fariam presentes nas colônias de férias. Concebida inicialmente como um recurso médico, não se escondia nestas instituições o fascínio por uma natureza capaz também de divertir o corpo e seus sentidos, consolidando a natureza em nossos imaginários não apenas como local propício para recuperarmos as energias perdidas em nosso dia-dia, mas também como uma terra de aventuras (RAUCH, 2001, 1988; SIROST, 2009).

AS COLÔNIAS DE FÉRIAS E AS TERAPÊUTICAS DO CORPO

Vinculadas às ciências médicas, as colônias de férias encontrariam nos congressos internacionais da área os principais caminhos a serem percorridos para se difundirem e serem apropriadas por inúmeros países e culturas. Segundo Rey-Herme (1954), coube ao médico alemão Johann Georg Verrentrapp (1809-1886), apresentá-las pela primeira vez à comunidade científica no IV Congresso Internacional de Higiene e Demografia, organizado em Genebra no ano de 1882. Nas palavras do palestrante, seu objetivo era discorrer sobre um tema novo, pois “ainda que essa obra tenha se difundido muito rapidamente na Alemanha e na Suíça, ela é quase desconhecida em outros lugares e os resultados dessa organização não foram ainda expostos”⁴ (VARRENTRAPP, 1882, p.160). De modo a individualizar as colônias de férias de outras instituições de saúde do período, teve a cautela de diferenciá-las dos hospitais marítimos e dos sanatórios infantis existentes em diversos países, uma vez que não se tratava de um estabelecimento de cura. Seus objetivos médicos configuravam-se como preventivos e eram destinadas sobretudo aos escolares fisicamente mais debilitados. Seus princípios de trabalho se baseavam na oferta de uma substanciosa alimentação, do ar fresco de montanhas e de praias e na realização de práticas corporais ao ar livre, como as abluções frias, os banhos de rio, as caminhadas pelos bosques, as sessões de ginástica e uma diversidade de jogos ao ar livre (VARRENTRAPP, 1882). Resgatavam antigas técnicas empregadas pela

reconstruísse a vida afetiva de sociedades e épocas passadas. As pesquisas de Alain Corbin (2013a, 2013b, 2005, 2001, 1995, 1987, 1989) representam importantes contribuições para pensarmos como foram construídas ao longo do tempo novas sensibilidades e emoções frente à natureza.

⁴ “bien que cette œuvre se soit répandue très rapidement en Allemagne et en Suisse ; mais elle est presque inconnue ailleurs et les résultats de cette organisation n'ont pas encore été exposés”.



medicina natural⁵ em estabelecimentos privados de cura, como sanatórios e estâncias balneárias, e que tinham por fundamentos uma ancoragem na tradição popular oral em circulação nos países de língua alemã, assim como nas teorias neo-hipocráticas sobre a saúde (VILLARET, 2005; BAUBÉROT, 2004).

Mais do que simples apresentação de um novo tipo de estabelecimento, o médico alemão procurava consolidar uma estrutura fixa e uniforme para as colônias de férias e se utilizou de todos os recursos científicos disponíveis na época para assegurar que ofereciam resultados médicos válidos. Baseou-se sobretudo na antropometria da época⁶. O procedimento de mensuração corporal das crianças era realizado antes e depois das viagens, de modo a comprovar que a estadia, a alimentação oferecida e o programa de exercícios seguidos haviam proporcionado um aumento no peso e na circunferência torácica ao final da viagem. Outras duas medições eram realizadas dias após o regresso das crianças as suas casas, de modo a certificar que os ganhos perduravam mesmo após deixarem as colônias de férias (VARRETRAPP, 1882). Para além de questões raciais ou que podem incidir na patologização do corpo desviante da média aritmética estabelecida pela antropometria, interessa-nos observar que o objetivo principal de Varrentrapp, com as mensurações realizadas antes e depois das viagens, era o de demonstrar que as práticas corporais realizadas pelas colônias de férias, ainda que não apresentarem um fundamento científico consolidado, repercutiam-se em resultados quantificáveis laboratorialmente sobre o corpo infantil.

Varrentrapp procurava, assim, unir os técnicas empregadas pela medicina natural com os métodos científicos da medicina experimental. Sua apresentação ocorrera em um momento que a medicina se encontrava em um processo de transição, de uma ruptura com o seu passado, sendo os dados objetivos e numéricos os que mais persuadiam os médicos da época sobre a efetiva resposta dos tratamentos empregados. Conforme observado por Villaret (2005)

⁵ A medicina natural também é conhecida no Brasil como naturopatia. Atualmente compõe técnicas complementares à medicina oficial e pode ser analisada como uma tecnologia leve de saúde pública. A respeito do conceito de tecnologias leves conferir especialmente Merhy, 2008.

⁶ Segundo Varrentrapp (1882), os dados antropométricos obtidos por tinham por objetivo avaliar a situação da saúde das crianças, tendo em vista a situação extrema de pobreza em que viviam, no entanto, como analisado por Canguilhem (2000), a antropometria foi muitas vezes empregada como um dos principais recursos da época para corroborar concepções políticas e culturais do que seria considerado como normal e patológico, incorrendo em conotações morais para a diversidade corporal. Não se pode desconsiderar também que a antropometria também fora utilizada para caracterizações psicológicas e como meio de referendar desigualdades entre raças.



e Baubérot (2004), a medicina experimental e a medicina natural conviveram juntas ao longo de quase todo o século XIX, ainda que a existência de ambas fosse permeada por inúmeros embates diretos entre médicos diplomados e terapeutas. Em sua apresentação, Varrentrap procurava apaziguar estes embates e conciliar as disputas políticas existentes, sobretudo nos meios acadêmicos.

Diferentemente do que a medicina experimental vinha desenvolvendo, sobretudo no campo da farmacologia e da pesquisa laboratorial, a medicina natural não se baseava em dados objetivos e explicação científicas. Suas técnicas eram sistematizadas de forma empírica, ou seja, a partir da experiência dos terapeutas, e se ancoravam em uma atmosfera mística que conferia à natureza o poder em promover a vida. François Dagognet (1998), ao analisar a criação de terapias que empregavam elementos da natureza para desenvolvimento dos procedimentos de cura empregados nos sanatórios, nota que não existiam comprovações científicas que respaldassem seus resultados e conclui que se encontravam pautadas muito mais em uma ideia de renascimento da alma por meio do contato do corpo com elementos tidos como ancestrais.

Elementos como a água, o ar e a luz solar, indispensáveis para o surgimento da vida animal e vegetal, seriam reinterpretados ao longo de todo o século XIX pela cultura popular e erudita para a formulação de procedimentos de cura. Em suas bases encontravam-se presentes vestígios da aurora das civilizações, de um universo médico-filosófico formulado na Antiguidade, no qual a natureza seria o primeiro médico das doenças, responsável por devolver a harmonia a algum desequilíbrio corporal. Kesselring (1992), assim como Silva (1999), analisaram as transformações que o conceito de natureza experimentou na história ocidental, desde a antiguidade clássica até os dias atuais. Antes de se pautar no cânones da ciência moderna, de ser objeto científico e de manipulação, a natureza não era um dado em si. Representava o cosmos, o universo e tudo o que existe, era o princípio de cada ser singular. Nas teorias vitalistas, que fundamentavam grande parte das terapias da medicina natural, acreditava-se que o corpo humano era portador de capacidade auto-curativa, que a sua saúde poderia ser trabalhada com a ajuda da própria natureza.

Apoiando-se no raciocínio filosófico, em observações empíricas e respondendo a necessidades práticas, diversas civilizações desenvolveram concepções e explicações para a doença e a saúde baseadas numa relação intrínseca entre o ser humano e a natureza. Na mitologia cristã, a natureza seria interpretada no âmbito da criação, nela se manifestam a



bondade e a sabedoria divina, sendo, por exemplo, a água um elemento purificador. De modo geral, esses modos de se conceber a natureza seriam apropriados de diferentes formas pelos terapeutas da medicina natural do século XIX, sendo sincretizadas em técnicas corporais como a hidroterapia (cura pela água), a helioterapia (cura pela luz solar), a talassoterapia (cura pelas ondas do mar), climatoterapia (cura pelo ar de altitude), entre outras.

Segundo Villaret (2005), a repercussão popular que alcançaram estas terapias no final do século XIX se dava em decorrência da forte atmosfera alegórica que envolvia estas práticas corporais, ligando-se facilmente a cultura popular da época, eminentemente oral e embebida em tradições cristãs, o que facilitaria, por sua vez, sua divulgação entre a população iletrada. No meio acadêmico, as técnicas da medicina natural conseguiram, muitas vezes, se inscrever num prolongamento das teorias evolutivas de Charles Darwin (1809-1882) e do transformismo de Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829), pois seria por meio da exposição do corpo à natureza que o organismo se adaptaria ao meio, se fortaleceria (BAUBÉROT, 2004). Não podemos, desse modo, descartar também a existência de sincretismo da medicina natural com explicações teóricas que tomariam conta dos meios científicos a partir do século XIX. Como observado, o próprio médico Varrentrapp procurou conciliar estes dois universos em sua apresentação.

AS COLÔNIAS DE FÉRIAS E AS IDEIAS DE NATUREZA

Para além dos conceitos de natureza, formulados por diferentes disciplinas das Ciências Humanas, ou de sua etimologia, seria apropriado pensarmos nas diferentes ideias de natureza formuladas ao longo do tempo, como escrito por Lenoble (1969). A cada época, a natureza fora redescoberta por novas sensações e emoções, fora apropriada de diferentes formas para novos usos, fora constantemente reinterpretada por inúmeros discursos e por novas mentalidades. A natureza e seus elementos são, pois, antes de tudo, uma construção histórica. Tomemos por exemplo o elemento da montanha. Fora necessário um longo tempo e o desenvolvimento de um conjunto de novas sensibilidades, discursos e representações para que as grandes elevações se transformassem de algo assustador, apavorante, para algo sublime, a ser contemplado, suscitando grandes pensamentos e desejos (ECO, 2004). Foram necessárias diversas mudanças nas mentalidades para que surgisse o ímpeto de escalá-las e



conquistá-las, transformando-as em elemento útil para a ciência e para prazeres imediatos (CORBIN, 2001).

Thomas (1988) nos narra em sua obra o processo de transformação das mentalidades ao longo do tempo em relação ao mundo natural que, de exploração incessante, começa a ser concebido como uma preocupação ecológica, incitando o amor e o desejo pela natureza. Esse percurso, no entanto, nem sempre fora tão linear como apresentado pelo autor, havendo uma infinidade de particularidades em decorrência de questões políticas e sociais. Pensemos, por exemplo, como o clima e a natureza tropical foram durante o século XIX considerados pela medicina, notadamente pelas teorias climatológicas, como um fator de inadaptação dos europeus em terras sul-americanas, supostamente responsável por uma degeneração física e moral. Um outro exemplo, bastante próximo a nós, brasileiros, foi a ideia construída a respeito dos sertões como uma terra hostil e imprópria ao desenvolvimento de uma vida considerada como civilizada e que perdurou, ao menos, até meados da década de 1950. Podemos observar, deste modo, que as ideias de natureza construídas ao longo do tempo se fizeram múltiplas e nem sempre favoráveis ao encontro dos seres-humanos com seus elementos.

No que diz respeito especificamente à medicina natural, a sua ascensão enquanto uma prática de saúde que seria aceita e empregada por muitos se relacionava com um culto romântico da natureza de bases literárias, entoado por poetas e artistas ao longo dos séculos XVI e XVII, e que ainda persistia no século XIX, sendo responsável pela idealização da vida no campo como a mais benéfica para as sociedades urbanas, conforme analisara Williams (2011). O nascimento dos meios urbano-industriais fora determinante neste processo, sendo responsável pela consolidação de diferentes modos de vida. Fora com a consolidação da experiência de se viver no meio urbano que novas ideias de natureza se afirmaram, possibilitando a materialização de diferentes projetos de sociedade e de novas práticas corporais. Conforme analisado por Hobsbawm (2009), um ideal de natureza marcaria a mentalidade de setores da classe média durante o século XIX, repercutindo-se sobretudo em suas residências, ou seja, em sua vida privada. “A casa ideal, para a classe média, já não fazia parte de uma rua na cidade, uma ‘casa de cidade’ [...]; era uma casa de campo urbanizada, ou antes, sub-urbanizada [...] num parque ou jardim em miniatura, rodeado de verde” (HOBSBAWM, 2009, p.263). Esse ideal de uma vida ao ar livre não se limitava a uma questão estética, de domar, apaziguar e remodelar a natureza em benefício da vida privada.



Era alimentada sobretudo por uma série de medos urbanos emergidos na população em decorrência das deletérias condições de vida que se instalavam nas grandes cidades (BAUBÉROT; BOURILLON, 2009; FOUCAULT, 2005).

Um sentimento de medo frente às epidemias que tomavam conta de inúmeros bairros, das doenças desconhecidas que marcavam o corpo de seus sobreviventes, dos eflúvios de esgotos que corriam à céu aberto, da água estagnada e fétida, dos cortiços apinhados de moradores, entre tantas outras situações provocadas por processos degradantes e exploratórios de industrialização. Frente ao medo urbano, a natureza seria interpretadas, em muitos casos, como um refúgio, como um local propício para acalmar os ânimos, mas também como solução para repensar os contornos das próprias cidades. Diversos projetos foram consolidados neste sentido, como as cidades-jardins, no caso inglês, e as reformas urbanas postas em prática em capitais como Paris durante o século XIX e que promoveram uma medicalização da cidade a partir da incorporação dos elementos naturais em seu interior, como a criação de parques e o desenvolvimento de redes que favorecessem a circulação do ar e da água (FOUCAULT, 2005; VIGARELLO, 1996).

Quando postas em relação com as situações vivenciadas nos bairros mais pobres das grandes cidades uma nova perspectiva a respeito das colônias de férias pode ser formulada, pois retirar as crianças mais susceptíveis às doenças dos meios urbanos para levá-las ao campo, à praia e à montanha para que fortalecessem seus organismos, pode ser analisado também como uma proposta que mantinha como fundamento uma ideia de natureza regeneradora, capaz de contrapor-se aos nocivos efeitos de uma ordem urbano-industrial degradante. Os dados antropométricos poderiam ser, assim, uma forma de avaliar cientificamente a ação desta natureza virtuosa, que traz benefícios à saúde, ainda que suas formas de ação mais microscópicas, celulares, fossem desconhecidas.

Por sentimentais que fossem, ou melhor, exatamente por incidirem sobre as emoções, os ideais de uma vida ao ar livre se mostrariam bastante poderosos, sendo responsáveis pela consolidação de diferentes práticas sociais no século XIX. Diferentemente dos curistas, à procura da natureza por suas supostas capacidades de cura, os vilegiadores procuravam pelas montanhas, praias e pelas estâncias balneárias por conta dos prazeres que os elementos da natureza poderiam oferecer ao corpo. A descoberta da natureza enquanto possibilidade de divertimento estava associada com um peso cada vez maior que a cultura conquistava sobre as sensações imediatas, o que possibilitaria que o corpo entrasse em contato direto com os



elementos naturais, que se imergisse por deleite no mar, que se despisse para o contato com a luz solar e que tornaria possível apreciar o ar de altitude como mais fresco e revigorante (CORBIN, 2001, 1989, 1987). Não era a ciência que confirmava essas novas sensibilidades, era sobretudo a conformação de novas ideias a respeito da natureza. Era sobretudo a conformação de uma cultura que apostaria nos elementos naturais como a promessa para uma nova maneira de se vivenciar e de se descobrir o próprio corpo. Estamos, assim, diante do universo da cultura e das sensibilidades e não do experimento laboratorial.

Com as vilegiaturas, novos comportamentos paulatinamente foram aceitos. Os prazeres das caminhadas realizadas em bosques, a margem de rios e lagos, os passeios de barcos, os piqueniques, as cavalgadas e mesmo a prática esportiva realizadas ao ar livre revelavam uma nova sensibilidade com a natureza que ultrapassava os métodos preconizados pelas terapias da medicina natural, pois ao proporcionar um relaxamento dos costumes, convocava a criação de novas formas de sociabilidade (CORBIN, 2001). Estiveram reservadas, inicialmente, às famílias da elite econômica da época, que procuravam se distinguir do restante da população mais pobre, ocupada, muitas vezes, mais em sobreviver do que gozar dos prazeres da natureza (BOYER, 2008). A natureza se transformava, assim, paulatinamente em um rentável comércio para hotéis, clubes e companhias ferroviárias, que a estetizavam ainda mais em propagandas e folhetos publicitários para atrair novos clientes (CHEVREL; CORNET, 2006). A partida dos grandes centros urbanos à procura da natureza se configurava, não apenas em uma oposição ao tempo do trabalho, mas como uma ruptura da rotina social. Carregava consigo a promessa da felicidade; de se vivenciar novas aventuras corporais em uma natureza considerada como aprazível.

Como analisado por Villaret (2005), há um momento o emprego médico da natureza começa a fugir do controle dos terapeutas da medicina natural, sendo o prazer auferido pelos divertimentos ao ar livre a motivação maior que se imporia paulatinamente nas viagens à procura da natureza. Talvez fosse nesse sentido que alguns profissionais se manifestariam no I Congresso Internacional de Colônias de Férias, organizado em 1888 em Zurique, contra o que consideravam como um excesso médico. Diriam que “os senhores médicos se interessam



muito às variações de peso das crianças, em demasia no meu ponto de vista”⁷ (Rostel *apud* REY-HERME, 1954, p.143). Protestavam contra:

o abuso das ações de pesar as crianças e de prescrições científicas, contra as legiões de bacilos e de micróbios com os quais a ciência aterroriza a imaginação [...] Se as colônias de férias enviam as crianças ao campo, é para lhes fortificar e lhes fazer viver em alegria, não para lhes transformar em experimentos científicos. Se esses dois resultados são atingidos, isto nos basta, o resto pouco importa⁸. (REY-HERME, 1954, p.143)

O que os profissionais criticavam era exatamente o que Varrentrapp havia instituído anos antes no Congresso Internacional de Demografia e Higiene de 1882: que as colônias de férias deveriam ter, por meio da antropometria, uma atuação direta sob o corpo infantil através de uma prática objetiva e científica. A repercussão que Varrentrapp alcançara na época com sua apresentação não fora pequena. Seu nome seria reverenciado por muito tempo como uma das mais representativas autoridades no assunto (REY-HERME, 1954). Inscritas nos parâmetros das ciências médicas, as colônias de férias encontrariam a possibilidade de serem divulgadas ao redor do mundo por meio de uma vasta gama de congressos. Ao longo das últimas décadas do século XIX, no entanto, não se fariam cessar as críticas e discussões a respeito dos objetivos das colônias de férias (DOWNS, 2009). Todo o imaginário das vilegiaturas também se associaria a essas instituições, representando para muitas crianças carentes a única oportunidade de se ausentarem momentaneamente do universo do trabalho e das deletérias condições de vida dos bairros que moravam para vivenciar uma nova realidade, antes exclusiva às elites que podiam arcar com os custos das viagens ao campo, à montanha e à praia.

A concepção médica de Varrentrapp conseguira, contudo, se afirmar até os anos de 1950. De modo geral, a partir desta década, o uso de medicamentos alopáticos se impôs no tratamento e na prevenção de inúmeras enfermidades e as técnicas da medicina natural foram colocadas à margem da medicina oficial, sendo, desde então, consideradas como terapêuticas

⁷ “Messieurs les médecins s’intéressent beaucoup aux variations de poids des enfants, trop, à mon vis”.

⁸ “contre l’abus des pesées et des prescriptions scientifiques, contre les légions de bacilles et de microbes dont la science effraie les imagination [...] si les colonies envoient les enfants a la campagne, c’est pour les fortifier et les faire vivre dans la joie, non pour les transformer en champs d’expérience. Si ces deux résultats sont acquis, cela nous suffit, le reste importe peu”.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

alternativas. Sanatórios foram fechados em diversas localidades, encerrando a Era Sanatorial no combate à tuberculose. Já as colônias de férias, agora libertas do discurso e do poder médico, puderam assumir novos papéis, ganhando força em seu interior preocupações educativas e recreativas.

CONCLUSÃO

Ao nos estabelecermos no campo das representações, das emoções e dos imaginários, ou, de forma mais ampla, no campo da cultura, é possível concluir que as colônias de férias se apoiaram na ideia de uma natureza regeneradora e aprazível, supostamente capaz de se sanar aos danosos efeitos de uma ordem urbano-industrial exploratória. A pesquisa analisou o desenvolvimento, no final do século XIX, de uma cultura que valorizava o contato com o ar livre e que possibilitou não apenas uma apropriação médica da natureza, mas também o desenvolvimento de inúmeros divertimentos que seriam realizados especialmente nas montanhas, praias e no campo. A medicina natural e as vilegiaturas representaram, assim, importantes raízes históricas das colônias de férias, sendo as práticas corporais realizadas em seu interior bastante distintas daquelas desenvolvidas no final do século XIX na instituição escolar. Diferentemente da ginástica, que se apropriou das brincadeiras populares e dos exercícios circenses, inscrevendo-os nos princípios da anatomia, da fisiologia e da análise do movimento (SOARES, 2005), as práticas corporais ao ar livre realizadas nas colônias de férias se apropriaram das técnicas terapêuticas da medicina natural e dos divertimentos realizados nas vilegiaturas.



More Than Strengthening, An Adventure Of The Body: The Summer Camps

ABSTRACT

This historical research analyzed the discussions that made possible the dissemination of summer camps (vacation colonies) in several countries in the late nineteenth century as a public health measure. It also investigated the history of the practices developed into summer camps, which were quite different from school physical education in the same period. As result, it was concluded that outdoors activities were part of a major culture that appreciate positively the contact with nature and they were not founded in physiologic researches as the gymnastic taught at schools.

KEYWORDS: *Physical education – history; summer camps; outdoor recreation*

Más Que Energía, Una Aventura Del Cuerpo: Las Colonias De Vacaciones Escolares

RESUMEN

Esta investigación histórica analizó las discusiones que hicieron posible la difusión de las colonias de vacaciones escolares como una medida de salud pública plausible de adoptarse en distintos países a finales del siglo XIX. También fueran investigados los conocimientos y los procesos culturales que permitieron a las colonias de vacaciones emplear un conjunto de prácticas corporales bastante distinto de los ejercicios gimnásticos hegemónicos en las escuelas de la época. Como resultado, se concluyó que las prácticas corporales al aire libre, presentes en las colonias de vacaciones, son parte de una cultura que valora la vida en contacto con la naturaleza, no tiendo por raíces históricas los mismos principios fisiológicos de la gimnastica.

PALABRAS CLAVES: *Educación física – historia; colonia de vacaciones, recreación al aire libre*



REFERÊNCIAS

ARMUS, D. Las colonias de vacaciones: de la higiene a la recreación. SCHARAGRODSKY, P. (Org.). **Miradas médicas sobre la cultura física en Argentina (1880-1970)**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2014.

ARMUS, D. **La ciudad impura: salud, tuberculosis y cultura en Buenos Aires 1870- 1950**, Buenos Aires: Edhasa, 2007.

BAUBÉROT, A. **Histoire du naturisme: le mythe du retour a la nature**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2004.

BAUBÉROT, A.; BOURILLON, F. (Orgs.). **Urbaphobie: la détestation de la ville aux XIXe et XXe siècles**. Bordeaux: Éditions Bière, 2009.

BERTO, R. C.; FERREIRA NETO, A.; SCHNEIDER, O. Parques infantis e colônias de férias como espaços/tempos de educação da infância (1930-1940). **Pensar a prática**, v.12, n.1, 2009.

BERTOLLI FILHO, C. **História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900- 1950**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

BIANCHI, C. A. Las colonias de vacaciones en la ciudad de Buenos Aires: una oportunidad educativa. **Publicación del Centro de Documentación, Investigación y Referencia Histórica-Deportiva**, Buenos Aires, n.1, abr., 2007.

BOYER, M. **Les villegiatures du XVIe au XXIe siecle: panorama du tourisme sédentaire**. Colombelles: Éditions EMS, 2008.

CANGUILHEM, G. (1943). **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHEVREL, C.; CORNET, B. **Les vacances: un siècle d'images des milliers de rêves (1860-1960)**. Paris: Paris bibliothèques, 2006.

CORBIN, A. **La douceur de l'ombre: L'arbre, source d'émotions, de l'Antiquité à nos jours**. Paris: Fayard, 2013a.

CORBIN, A. **La pluie, le soleil et le vent: une histoire de la sensibilité au temps qu'il fait**. Paris: Aubier, 2013b.

CORBIN, A. **Le ciel et la mer**. Paris: Bayard, 2005.

CORBIN, A. **L'homme dans le paysage**. Paris: Gallimard, 2001.

CORBIN, A. (Org.). **L'avènement des loisirs (1850-1960)**. Paris : Flammarion, 1995.



CORBIN, A. **Território do vazio**: a praia no imaginário ocidental. São Paulo: Campanhia das Letras, 1989.

CORBIN, A. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Campanhia das Letras, 1987.

DAGOGNET, F. **Savoir et pouvoir en medecine**. Le Plessis-Robinson: Institut Synthelabo pour le Progres de la Connaissance, 1998.

DALBEN, A. **Mais do que energia, uma aventura do corpo**: as colônias de férias escolares na América do Sul (1882-1950). Tese (doutorado em educação) –UNICAMP, Campinas, 2014.

DALBEN, A. **Educação do corpo e vida ao ar livre**: natureza e educação física em São Paulo (1930-1945). Dissertação (mestrado em educação física) - UNICAMP, Campinas, 2009.

DOWNS, L. L. **Histoire des colonies de vacance**: de 1880 a nous jours. Perrin, 2009.

ECO, H. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FEBVRE, L. **Combats pour l'histoire**. Paris: Armand Colin, 1952.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

HOBBSAWM, E. (1987). **A Era dos impérios**: 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

KESSELRING, T. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. **Ciência e ambiente**. v.3, n. 5, p.19-39, jul./dez. 1992.

LENOBLE, R. **Histoire de l'idée de nature**. Paris: Albin Michel, 1969.

MARTINEZ, P. L. M. A educação do corpo fora das escolas: as origens das colônias de férias na Espanha. **Educar em Revista**. Curitiba: UFPR, n.33, p.23-37, 2009.

MERHY, E. E. Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde. In.: MERHY, E. E.; ONOCKO, R. **Agir em saúde**: um desafio para o público. São Paulo: Editora Hucitec; Buenos Aires: Lugar Editorial, 1997.

RAUCH, A. **Vacances en France**: de 1830 a nos jours. 2.ed. Paris: Hachette Littératures, 2001.

RAUCH, A. **Vacances et pratiques corporelles**. Paris : PUF, 1988.

REY-HERME, P-A. **Les colonies de vacances de France**: origine et premiers développements (1881-1906). Paris: Librairie centrale d'éducation nouvelle, 1954.



SIROST, O. (Org.). **La vie au grand air**: aventures du corps et évasions vers la nature. Nancy: Presses Universitaires, 2009.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 3ed. Campinas: Autores associados, 2005.

THOMAS, K. (1983). **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VARRENTRAPP, G. Les colonies d'écoliers en vacances. Congresso Internacional de Higiene e Demografia., 4., 1882, Genebra. **Annales do IV Congrès International d'Hygiène et de Démographie**. Genebra: H. Georg, 1882.

VIGARELLO, G. (1987). **O limpo e o sujo**: uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VILLARET, S. **Naturisme et éducation corporelle**: des projets réformistes aux prises en compte politiques et éducatives (XIXe – milieu du XXe siècles). Paris: L'harmattan. 2005.